

VI Colóquio Internacional

“Educação e Contemporaneidade”



São Cristovão-SE/Brasil
20 a 22 de setembro de 2012

**DIFICULDADES DE LICENCIANDOS EM CIÊNCIAS BIOLÓGICAS
NOS ESTÁGIOS SUPERVISIONADOS OBRIGATÓRIOS**

**BIOLOGICAL SCIENCES UNDERGRADUATES´ DIFFICULTIES IN
OBLIGATORY SUPERVISED STAGES**

Edna Silva Barreto¹

Monica Lopes Folea Araujo²

Eixo Temático: Educação e Ensino de Ciências Exatas e Biológicas.

Resumo: Este trabalho é parte de uma pesquisa de monografia, cujo um dos objetivos foi analisar quais as dificuldades vivenciadas pelos licenciados do curso de Ciências Biológicas no Estágio Supervisionado Obrigatório. Na pesquisa, de cunho qualitativo, utilizamos o círculo hermenêutico-dialético e a análise hermenêutico-dialética. Os sujeitos da pesquisa foram quatro licenciandos de último período, nomeados de L1, L2, L3 e L4. Entre as dificuldades relatadas destacamos: a interação com os alunos das escolas-campos, a burocracia dos termos de compromisso e sua interpretação errônea, conciliar o horário das regências com o trabalho dos licenciandos e o excesso de observações. Ademais, os estudantes veem os estágios como algo positivo para sua formação e sugerem algumas modificações com relação ao desenvolvimento desse componente curricular.

Palavras chaves: Estágio Supervisionado Obrigatório; Licenciatura; Ciências Biológicas.

Abstract: This paper is part of a monograph research, in which one of the objectives was to analyze the difficulties experienced by the undergraduates in Biological Sciences in Obligatory Supervised Stages. In the study, of a qualitative hallmark, we used the hermeneutic circle-dialectical and dialectical-hermeneutic analysis. The subjects were four undergraduate students, named L1, L2, L3 and L4. Among the difficulties reported we bring out: interaction with the field school students, the bureaucracy of the terms of commitment and their misinterpretation, reconcile the time of the regency with the students' work and the excess of observations. Besides that, the students see the stages as something positive for their training and suggest some changes regarding the development of this curriculum component.

Keywords: Obligatory Supervised Stages; Degree; Biological Sciences.

1. Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Ensino das Ciências (PPGEC) da Universidade Federal Rural de Pernambuco. Email: dinha.portal@yahoo.com.br

2. Doutoranda em Educação (UFPE). Professora do Departamento de Educação (UFRPE). E-mail: monica.folena@gmail.com

INTRODUÇÃO

O Estágio Supervisionado Obrigatório (ESO) é um momento especial para o licenciando, tendo como uma de suas funções integrar as inúmeras disciplinas que compõem o currículo acadêmico e possibilitar que o futuro professor insira-se no campo de exercício da docência de modo gradual e supervisionado por professores da universidade e da escola campo de estágio. É nos estágios supervisionados que muitos estudantes se deparam com a realidade da licenciatura.

Contudo, muitos destes não concordam com a estrutura dos ESO e sentem dificuldade ao cursar a disciplina. Nos corredores das universidades é comum ouvir comentários e questionamentos muito pessimistas a respeito destes componentes curriculares, como por exemplo: não vejo a hora de terminar os ESO! É muito chata a disciplina! Para que pagar o ESO se não quero ser professor? É muito desgastante! Nesse contexto, surgiu nossa inquietação: que dificuldades os licenciando em Ciências Biológicas têm vivenciado durante os ESO que os levam a ter opiniões tão pessimistas?

Frente ao exposto, essa pesquisa realizada em uma universidade pública federal localizada em Recife, teve como objetivo analisar as dificuldades de licenciandos em Ciências Biológicas ao cursar o Estágio Supervisionado Obrigatório. Esperamos assim estar contribuindo para a reflexão, discussão, abordagem e desenvolvimento desse componente curricular na universidade, permitindo assim uma experiência positiva, satisfatória, de real preparação e construção da identidade docente do futuro professor de Biologia ou Ciências.

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

O Curso de Licenciatura

Cursar uma graduação é o sonho de muitos estudantes em todo o Brasil e, dentre os cursos mais concorridos estão: medicina, direito, engenharia civil e computação. Antigamente os pais imaginavam duas profissões para seus filhos: ser médico ou professor, mas hoje, infelizmente, a licenciatura não é valorizada. Mas o que é a licenciatura?

[...] uma licença, ou seja, trata-se de uma autorização, permissão ou concessão dada por uma autoridade pública competente para o exercício de uma atividade profissional, em conformidade com a legislação (PEREIRA e BAPTISTA, 2009, p. 2).

Hoje boa parte dos jovens opta por um curso de licenciatura somente quando todas as suas alternativas se esgotam. Segundo Libâneo (2001) isto se deve a desvalorização da profissão do professor tanto social quanto economicamente, interferindo na imagem da profissão. Além desses fatores, podemos ainda citar as péssimas condições de trabalho, a falta ou ausência de materiais didáticos, insegurança nas salas de aulas, desmotivação dos estudantes, entre outros motivos.

As condições de trabalho e a desvalorização social da profissão de professor prejudicam a construção da identidade dos futuros professores com a profissão e de um quadro de referência teórico-prático que defina os conteúdos e as competências que caracterizam o *ser professor* (LIBÂNEO, 2001). A este respeito Batista Neto (2006, p. 89) nos diz que:

A valorização do magistério é questão histórica da categoria que envolve o meio acadêmico e os movimentos sociais, que se inscreve no processo mais geral de democratização da sociedade e do acesso ao direito social básico da educação por meio da escola.

Os problemas das licenciaturas são muito sérios. Permeiam as diferentes instâncias acadêmicas e administrativas das instituições formadoras e abrangem a formação de professores para todos os níveis de ensino e todas as áreas de conhecimento (LEITE, 2004). Estes problemas, de acordo com a referida autora (p. 15), podem estar relacionados aos seguintes aspectos:

- As disciplinas pedagógicas encaradas como “perfumarias”, no contexto da formação geral;
- O despreparo do formador de formadores;
- O plano secundário que as licenciaturas são relegadas no contexto institucional;
- A falta de estrutura nas instituições formadoras para a realização do estágio supervisionado.

Muito pode ser escrito sobre as problemáticas ligadas às licenciaturas. Um bom começo para mudança deste quadro pode estar no despertar do gosto pela docência já no contexto acadêmico, e dentro da matriz curricular dos cursos em licenciaturas alguns componentes curriculares podem contribuir para esse despertar, como as práticas como componente curricular e os estágios supervisionados.

O Estágio Supervisionado

“O que é o estágio? Um rito de iniciação profissional? Uma estratégia de profissionalização? Conhecimento da realidade? Momento de colocar na prática a teoria recebida? Um treinamento?” Estas são questões colocadas por Pimenta (1997, p. 14). Mas afinal o que é estágio?

De acordo a Lei 11.788/2008, Art. 1º, estágio supervisionado é:

[...] preparação para o trabalho produtivo de alunos que estejam frequentando o ensino regular em instituições de educação superior, de educação profissional, de ensino médio, de educação especial e dos anos finais do ensino fundamental, na modalidade profissional da educação de jovens e adultos.

Segundo Lima (2003) o estágio é a oportunidade de analisar a realidade de ser professor, espaço de autoconhecimento, de questionamento e de debate, uma prática que busca envolver um comportamento de observação, reflexão crítica e reorganização das suas ações. É a partir da experiência do estágio que os licenciados se percebem como futuros professores, enfrentando pela primeira vez o desafio de conviver, ouvir e falar, com linguagens e saberes diferentes daqueles de seus campos específicos (PIMENTA, 1997).

Cada universidade opta por uma estruturação do ESO, desde que atenda às reivindicações da Lei 11.788/2008. No curso de Licenciatura em Ciências Biológicas da universidade estudada, os Estágios estão divididos em quatro etapas distintas, porém complementares. Desse modo, no ESO I os estagiários aprendem sobre Projeto Político Pedagógico e acompanham a dinâmica da escola campo de estágio; em ESO II estes tem a oportunidade de fazer sua primeira intervenção na escola através da identificação de uma temática de interesse à escola campo de estágio que é transformada em projeto didático; nos ESO III e IV ocorre a regência no ensino fundamental II e médio, constituindo-se momentos de experimentar a realidade da sala de aula e o despertar da identificação do ser professor.

TIPO DE PESQUISA

A abordagem qualitativa foi selecionada para a realização desta pesquisa, pois segundo Oliveira (2005), esta se caracteriza como um estudo detalhado de determinado fato, objeto, grupo de pessoas, ator social ou fenômeno da realidade. O campo de atuação desta pesquisa compreende uma universidade pública federal localizada em Recife, que atende estudantes das mais diversas regiões de Pernambuco, desenvolvendo suas atividades voltadas para a busca intensa do conhecimento científico nas áreas de Ciências Agrárias, Humanas e Sociais, Biológicas, Exatas e da Terra.

Para a realização deste estudo contamos com a participação de quatro licenciandos do Curso de Licenciatura em Ciências Biológicas, todos cursando o último período. Com a finalidade de facilitar o momento da análise dos dados e manter o anonimato dos entrevistados, os licenciandos foram nomeados de L1, L2, L3 e L4. Os critérios para escolha dos sujeitos da pesquisa foram: já terem cursado todos os Estágios Supervisionados Obrigatórios e concordarem em participar da pesquisa.

Segundo Oliveira (2005, p. 41): “A definição dos instrumentos de pesquisa deve estar visceralmente ligada aos objetivos de estudo já delineados”. Desse modo optamos por realizar entrevistas com os licenciandos por acreditarmos que elas promovem uma maior interação entre entrevistador e entrevistado. Uma das dificuldades na transcrição de gravações é o reconhecimento de quem fala, mas segundo Araújo (2008), pode-se atenuar esse problema realizando-se a transcrição logo após a intervenção, quando as vozes dos entrevistados ainda permanecem vivas em nossas lembranças.

METODOLOGIA INTERATIVA

A metodologia interativa consiste na interação dinâmica entre o círculo hermenêutico-dialético e a análise hermenêutico-dialética.

Círculo Hermenêutico-Dialético

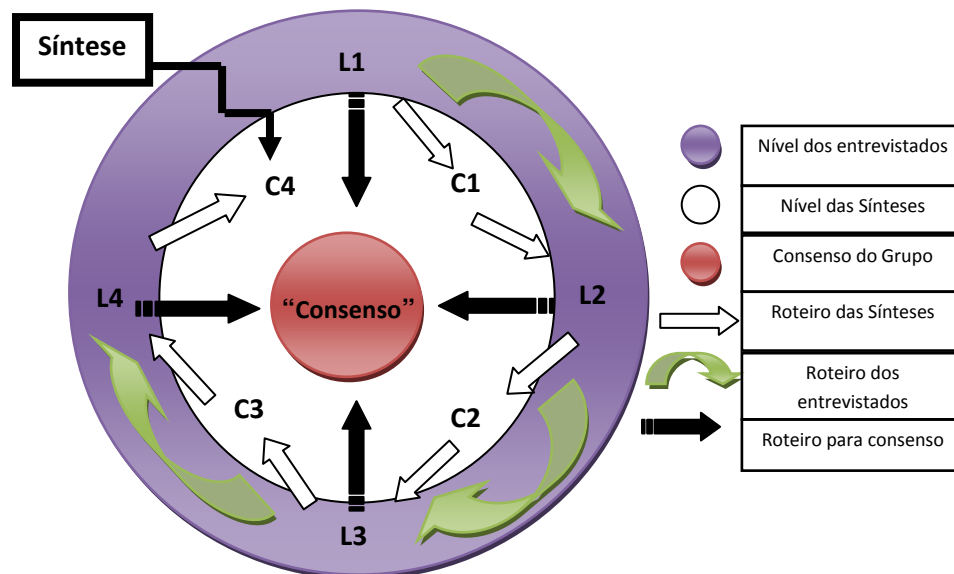
O círculo hermenêutico-dialético (CHD) é uma troca permanente entre o pesquisador e os entrevistados, o que supõe “[...] constantes diálogos, críticas, análises, construções e reconstruções coletivas. através do contínuo vai-e-vem, é possível se chegar o mais próximo possível da realidade, chamada de *consenso*” (Oliveira, 2007, p. 54). O CHD consiste em três círculos concêntricos, onde no círculo maior estão localizados os entrevistados, o segundo

círculo corresponde ao nível das sínteses feitas pelos pesquisadores das respostas obtidas (pré-consenso), e o terceiro e menor ciclo, representa o *consenso*.

Dessa forma, C1 é a síntese construída pelas pesquisadoras das respostas de L1 após responder à entrevista; C2 é a síntese construída a partir das respostas de L1 e L2; C3 é a síntese construída a partir das respostas de L1, L2 e L3 e C4 é a síntese construída a partir das respostas de L1, L2, L3 e L4. Após a construção dessas sínteses, que constituem o pré-consenso, os sujeitos da pesquisa participaram de um encontro em que, a partir de discussões, tentaram chegar a um *consenso*, que corresponde ao círculo menor.

Na figura 1 o CHD é representado de acordo com a dinâmica e interatividade existente entre pesquisadoras e pesquisados.

Figura 1 - Círculo hermenêutico-dialético



Análise Hermenêutico-Dialética

A análise hermenêutica dialética (AHD) é, segundo Oliveira (2007, p. 136), “um complemento para a técnica do CHD, sendo um processo dinâmico que permite uma visão geral e uma análise realista do contexto pesquisado”. Em síntese, para que a análise dos dados também transcorra de forma interativa e fidedigna aos objetivos do trabalho, é necessário proceder de acordo com o método hermenêutico dialético proposto por Minayo (2004), além de ter uma tomada de posição com respaldo nas teorias, eliminando assim a arbitrariedade do pesquisador.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

De acordo com os entrevistados as suas maiores dificuldades foram:

- ✓ A interação com os alunos das escolas – campo;
- ✓ A burocracia do termo de compromisso e sua interpretação errônea;
- ✓ Conciliar o horário das regências com trabalho dos licenciandos;
- ✓ O excesso de observações.

A interação com os alunos das escolas campo

O estágio visa proporcionar aos estagiários a oportunidade de vivenciar a prática docente antes do início da carreira profissional, as relações entre professor e estudante, contudo se os estagiários não obtiverem uma boa orientação essa experiência pode se tornar “assustadora e desgastante” (KRASILCHIK, 2008, p. 167), conforme explicita L1:

Na sala às vezes ficava difícil a interação com o aluno, pois há aqueles que ficam mais quietos porque tem alguém novo, outros se exibem demais, há aqueles que ficam com vergonha e não conseguem interagir (L1).

Para Krasilchik (2008), uma das maiores preocupações dos professores principiantes é controlar a classe. No entanto, apenas uma minoria de alunos causa dificuldade, mas estas podem ser tão difíceis de superar, em alguns casos, que, por causa deles, docentes acabam abandonando a carreira. A relação professor-aluno pode ser muito conflituosa, pois a maioria destes jovens encontra-se numa fase da vida muito conturbada - a adolescência. Fase na qual se tem muita expectativa individual, há a busca por participar de novos grupos e aprender com eles. Toda essa transformação perpassa as salas de aula e o professor encontra-se no meio de todo esse conflito. Neste contexto o ESO pode possibilitar a discussão sobre essa problemática e aproximar os futuros professores da realidade docente antes do exercício profissional efetivo.

A burocracia do termo de compromisso e sua interpretação errônea

A maior dificuldade dos licenciandos foi sem dúvida a burocracia que precisavam enfrentar para dar entrada no seguro estágio e as interpretações indevidas por parte das escolas

concedentes no que diz respeito às cláusulas do termo de compromisso, como podemos identificar nas falas dos estagiários:

A primeira dificuldade que eu acho é o seguro, por causa da burocracia, pois você perde muito tempo para resolver e nem sempre temos tempo para resolver isso (L1).

Acredito que o problema do seguro é os funcionários da Pró-reitora de Ensino de Graduação – PREG, que atendem muito mal os estudantes (L3).

Eu encontrei mais dificuldade foi quando começou a colocar o seguro. Porque a gente fazia as horas tudo direitinho, chegava à PREG e estava errado, corrigia e levava novamente e estava errado e fica assim, protelando, protelando..., errando e consertando até que um dia eu desisti e não voltei mais. (L3).

De acordo com os licenciados o problema do termo de compromisso não se concentra no fato de fazer o seguro e sim na falta de orientação para preenchê-lo. Lima (2003, p. 51) chama atenção para o fato que “o estágio não deve ser burocratizado, mas abrir possibilidades de mudanças”. Sendo assim, deve-se proporcionar aos estagiários um ambiente favorável a sua vivência profissional e a burocracia enfrentada por eles, ao solicitar o seguro, pode estar causando insatisfação ao cursar o componente curricular.

Além do processo burocrático enfrentado pelos estudantes desta instituição, alguns destes tiveram dificuldades quanto à interpretação que a direção de determinadas escolas fizeram acerca de algumas cláusulas do contrato, como relatou L4:

[...] cheguei à escola e o diretor não tinha noção do que era o termo de compromisso. Dentro do termo tem algumas questões que não se adequam ao estagiário de licenciatura, como o EPI. Quando o diretor lia se assustava, porque não podia oferecer o equipamento e argumentava que não podia assinar, isso era um entrave e me complicou muito.

A quinta cláusula do termo de compromisso adotado pela universidade versa sobre as obrigações e responsabilidades da concedente que deverá disponibilizar equipamentos de segurança aos estagiários. Na cláusula também consta que a instituição que recebe os estagiários não deve expô-los a ambientes insalubres ou perigosos, sem o uso de EPI's e EPC's obrigatórios, dentro dos limites de tolerância. Diante dessa colocação, os diretores de escolas ficavam temerosos e não queriam firmar um compromisso com a instituição e o seu estagiário. Entretanto, não há motivo para preocupações dos diretores de escola, pois, no mesmo documento consta que no caso das licenciaturas não é necessário utilizar EPI. Ou seja, os problemas criados são oriundos de uma má interpretação do que consta no documento.

Krasilchik (2008) relata que essa dificuldade reside nas relações entre os dois grupos de instituições envolvidas, que são muito delicadas e precisam ser cuidadosamente planejadas para que não assumam caráter de fiscalização ou cobrança de uma ou de outra parte.

Conciliar o horário das regências com o trabalho do licenciando

Uma das queixas mais frequentes para quem trabalha é encontrar um horário para as regências que não coincida com seu trabalho diurno, pois nem sempre é possível encontrar uma escola campo com horário compatível com o componente curricular. Segundo Leite (2004) o estudante que trabalha precisa ter sorte na busca do campo de estágio. Para muitos licenciandos que precisam trabalhar durante o dia há um grande desafio na vivência dos ESO, como descreve L3:

A maior dificuldade para mim foi conciliar o trabalho com o horário das regências. Como estudo à noite ficava difícil para encontrar estágio noturno. Dessa forma eu tive que realizar as regências do estágio à tarde e faltava ao trabalho. O bom para mim era ter conseguido conciliar o horário das regências com o da cadeira do ESO.

A dificuldade apresentada pela licencianda L3 foi a mesma encontrada por Leite (2004, p. 107) numa pesquisa realizada na Universidade de Santa Catarina, na qual uma estudante do Curso de Ciências Biológicas relatou: “Senti um pouco de dificuldade com o estágio pelo fato de trabalhar”.

A este respeito, Lima (2003, p. 26) fala que:

[...] a grande maioria dos alunos assegura a sua sobrevivência, com empregos e subempregos, desvinculados do que fazem na universidade, de onde, nem sempre é possível se ausentar sistematicamente para a realização de tarefas, durante o expediente.

Ainda segundo a autora o objetivo principal da licenciatura é a “formação de um professor que esteja consciente de que sua prática envolve um comportamento de observação, reflexão, crítica e reorganização das suas ações” (*Idem*, p. 50). Diante desses argumentos ficam as perguntas: os licenciandos que trabalham durante o dia estão tendo a oportunidade de vivenciar a cadeira de uma forma positiva? Como conciliar estágio e trabalho?

O excesso de observações

Segundo Krasilchik (2008, p.170) há muitas objeções à observação “[...], pois, aparentemente o educando que viveu tanto tempo na escola não precisa mais despende tempo observando o que conhece muito bem”.

Na instituição estudada as observações se iniciam a partir do ESO II, no qual os estudantes recebem um roteiro para as observações. De acordo com as ementas dos ESO do curso de Ciências Biológicas as observações ficam assim estruturadas: no ESO II elas ocorrem apenas uma única vez em sala de aula e o foco principal são as relações professor-aluno em aulas de Ciências e Biologia. Além disso, as observações, mais duas ou três, visam encontrar na escola um objeto de estudo a ser trabalhado na escola na forma de projeto didático. Nos ESO III e IV elas se concentram no diagnóstico das turmas nas quais as regências serão efetuadas propiciando ao licenciando a oportunidade de conhecer os estudantes para depois planejar as ações que serão desenvolvidas em cada turma.

Para L2 as observações foram um grande desafio:

Acho que observarmos muito e quando entramos no ESO IV já temos uma noção da sala de aula, temos o entendimento de como é sua organização, como planejar e não vejo a necessidade nenhuma de tanta observação. Eu observei demais! E isso é perda de tempo. E as fichas de observação são enormes para preencher.

De acordo com Krasilchik (2008) o futuro professor precisa vivenciar essa experiência por outro ângulo, a fim de ajudá-lo na construção de sua regência, até porque boa parte das estratégias a serem adotadas pelo estagiário em suas aulas será construída mediante as observações realizadas. Santiago e Batista Neto (2006) resumem que as observações proporcionam uma base de conhecimento sobre a estrutura escolar, as relações nela contidas, as estratégias utilizadas pelo professor e o funcionamento da sala de aula, que contribuirão para uma visão sistemática na formação do futuro professor.

Desse modo, embora os licenciandos apontem sua insatisfação para com as observações, elas são fundamentais à regência. São as observações que permitem ao estagiário perceber se determinadas atividades são pertinentes ou não para as turmas, como se processa a interação professor-aluno e o nível em que o conteúdo é trabalhado. Dessa forma, as observações são um ponto importante na formação profissional e merecem atenção no estágio.

O CONSENSO FINAL

Após o término das entrevistas individuais, as falas principais dos licenciandos foram sintetizadas e apresentadas aos entrevistados posteriormente, a fim de que estes pudessem se posicionar mediante as respostas apresentadas – este é o momento final do CHD. Neste, as falas de todos os entrevistados foram sintetizadas de acordo as temáticas discutidas e dialogadas entre todos, com intuito de chegar a um *consenso*, ou seja, algo mais próximo à realidade estudada para aquele grupo. Procederemos à análise desta parte mediante a apresentação de recortes do momento vivenciado pelo grupo.

Segundo as entrevista o seguro estágio foi o maior problema encontrado, seguido da insatisfação com os funcionários da PREG que não explicam corretamente o preenchimento do mesmo e as dificuldades na coleta das assinaturas nas escolas campo. É isso mesmo? (Pesquisadora)

Acredito que o problema quanto aos EPIS foi algo muito restrito a uma escola, eu não vivi isso (L1).

Isso só ocorre porque não temos um termo de compromisso específico para a licenciatura e o que existe é igual para todos os cursos (L3).

Deixam muito a desejar, principalmente para quem estuda à noite (L2).

Quantas vezes você vai à PREG corrigir os erros? Foram tantas vezes que perdi as contas. Por que não analisam tudo de uma vez só? (L3).

Eu tive esse problema também, acabou a cadeira do ESO e eu não consegui fazer o seguro (L2).

Eles não facilitam a nossa vida, pois se apresenta algum erro é logo solicitada a correção e dependendo de onde está o erro você precisará emitir três vias e coletar as assinaturas para validar o documento. Depois disto levar novamente para PREG para que verifiquem se está correto desta vez (L3).

Eles não fazem a correção de tudo? Quando encontram o primeiro erro devolvem para o estagiário corrigir (L1).

Não fazem um levantamento? (L2).

Eu mesma tive esse problema (L1).

Acredito que o problema seja realmente burocrático, mas não podemos negar que o seguro é importante fazer (L3).

Parece que eles não tiveram treinamento (L2).

Acredito que não precisava de toda essa burocracia (L4).

Ainda há outro problema: os estudantes que trabalham durante o dia ficam prejudicados devido ao horário de funcionamento do setor de estágios, pois nem todos que trabalham têm a disponibilidade de sair cedo do emprego ou pedir uma licença ao chefe para resolver

problemas pessoais (referindo-se ao seguro estágio) e no tempo disponível o departamento está fechado, na hora do almoço está fechado (L3).

Pelas falas percebemos que todos chegaram a um consenso que sem dúvida o processo para fazer o seguro estágio é realmente uma dificuldade a ser enfrentada pelos licenciandos de Ciências Biológicas. Dessa forma, sugerimos alguns procedimentos que poderiam diminuir o número de licenciandos insatisfeitos quanto ao termo de compromisso da universidade.

- A solicitação por parte da universidade de um concurso público para preenchimento de vagas na secretária do estágio, pois acreditamos que com o aumento do contingente de funcionários o departamento responsável pelos seguros poderia atender no horário noturno. Dessa forma, os estagiários que trabalham não precisariam faltar ao emprego correndo o risco de perdê-lo.
- A realização de um treinamento com estagiários e funcionários do setor, a fim de que estes possam atender melhor o público, como também orientar corretamente os estudantes no preenchimento do seguro.

De acordo com as entrevistas, alguns estagiários tiveram turmas muito complicadas, as quais não participavam de nada, uma das estagiárias chegou a pensar em desistir de ser professora devido à receptividade das turmas. O que vocês podem complementar em relação a este aspecto? (Pesquisadora)

Realmente. Eu peguei uma turma de 1º ano que os estudantes eram inertes, você fazia uma pergunta e eles nem mexiam a cabeça para dizer sim ou não, eu fiquei desesperada. Já no 3º ano a turma era ótima, um dos alunos deu a definição de espécie perfeitamente (L1).

Eu já não tive essas dificuldades. Nós temos dificuldades, lógico, pois tem alunos que realmente são difíceis, mas não que me frustrasse. Acredito não ser culpa de ninguém, afinal, você está chegando agora (L4).

Eu sei! Por mais que você se prepare no ESO, você sabe que na prática as coisas podem não ser o que se espera. Por exemplo, eu dei aula num 3º ano e foi horrível, eu lecionei porque tinha que lecionar, mas se pudesse pular para outra turma ou fazer outra coisa, eu faria. Eu saí desta turma muito frustrada e pensei realmente em desistir de ser professor (L3).

É porque a gente tem que entender o seguinte: a gente entra na sala de aula com a ilusão que tudo será perfeito (L4).

É justamente o que acho (L3).

Tem que se entender que o sistema educacional de hoje colabora para que os alunos tenham esse tipo de comportamento, porque eles vão à escola por causa da bolsa família, da merenda, etc (L4).

Também só estagiamos em escola do Estado, não conhecemos a realidade de uma instituição particular (L3).

É exatamente. Tem que perceber que ao se entrar numa escola a realidade pode ser boa ou não. Mas não deve se desmotivar a ser professor, mas é triste e você fica com a autoestima baixa (L4).

Como podemos observar, os estagiários tiveram grandes dificuldades para se relacionar com os estudantes. Os alunos do ensino fundamental e médio estão numa fase de grandes conflitos interiores e de autoafirmação e, diante desse quadro, para os novos professores manterem o aluno atento ao conteúdo e também despertarem o interesse parece ser uma missão impossível (MÜLLER, 2002). Entretanto, os ESO são momentos oportunos de experimentar essa realidade “nua e crua” das escolas, e, para evitar uma possível frustração, Müller (2002, p. 278) sugere: “Primeiramente que o professor faça uma reflexão da importância do seu trabalho e mesclar com afetividade a sua autoridade, recorrendo ao diálogo como forma de chegar aos resultados pretendidos”.

O diálogo consiste, nesta perspectiva, uma ferramenta que pode ser tornar uma fonte de riquezas e alegrias. É uma arte a ser cultivada e ensinada e cabe especialmente aos orientadores e supervisores dos ESO discutir os segredos de como desenvolver esta “arte” nas escolas campo. A este respeito, Leite (2004, p. 69) acrescenta que no exercício da docência o professor precisa: “[...] saber ser ouvinte e saber respeitar e valorizar as ideias de seus alunos. Assim, deve conceber as suas aulas como lugares de promoção e debates, discussões, especulações e não busca de certezas”.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O ESO permite criar expectativas positivas entre os universitários diante da profissão, proporcionando a construção de uma concepção crítica e reflexiva sobre a carreira do docente firmada na descoberta, na relação com a sociedade, proporcionando conhecimento didático e uma abertura à investigação e à reflexão.

Dessa maneira, durante as entrevistas foi identificado que os licenciandos em Ciências Biológicas veem os estágios supervisionados obrigatórios como algo positivo para sua formação, porém são necessárias algumas mudanças com relação ao desenvolvimento deste componente curricular. Algumas das propostas mencionadas pelos discentes nos parecem pertinentes, como a elaboração de um termo de compromisso específico para as licenciaturas.

Além disso, há as reflexões relacionadas à melhor formação dos técnicos que trabalham na coordenação do estágio e à contratação de mais funcionários com o intuito de diminuir o processo burocrático para fazer o seguro. Porém, é difícil de operacionalizar algumas dessas ações, pois, algumas das saídas apontadas não cabem apenas à esfera da universidade, mas sim ao Governo Federal, como a liberação de recursos para contratação de funcionários para o setor responsável pelos estágios. Inclusive, na atualidade, este é um dos motivos apontados pelas 57 universidades públicas federais para estarem em greve no país.

Frente ao exposto, nossa pesquisa conseguiu desvelar caminhos para que haja uma melhoria no estágio supervisionado obrigatório que tem sido oferecido aos estudantes de Licenciatura em Ciências Biológicas. Tal melhoria é fundamental à realização de estágios menos burocratizados e que contribuam de forma significativa na formação inicial do professor que atuará na Educação Básica.

Referências

ARAÚJO, M.L.F. **Tecendo Conexões entre a Trajetória Formativa de Professores de Biologia e a Prática Docente a Partir da Educação Ambiental**. 2008. 192 f. Dissertação (Mestrado em Ensino das Ciências) – Universidade Federal Rural de Pernambuco, Recife, Pernambuco, 2008.

BATISTA NETO, J. Formação de professores no contexto das reformas educacionais e do Estado. **In: SANTIAGO, M. E. ; NETO, J. B. Formação de professores e prática pedagógica**. Recife: Fundação Joaquim Nabuco, 2006, p. 40-53.

BRASIL. **Lei Nº 11. 788, de 25 de setembro de 2008**. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007.../2008/lei11788.htm. Acesso em:>10. ago. 2011.

KRASILCHIK, M. **Prática de ensino de biologia**. 4ª ed. São Paulo: Universidade de São Paulo, 2008.

LIMA, M. S. L. **A hora da prática: reflexão sobre o estágio supervisionado e a ação docente**. 3ª ed. Fortaleza: Demócrito Rocha, 2003.

LEITE, M. A. **Formação docente: ciências e biologia estudo de caso**. São Paulo: Cadernos de divulgação cultural, 2004.

LIBÂNEO, J. C. **Organização e gestão da escola: teoria e prática**. Goiânia: Alternativa, 2001.

MINAYO, M.C.S. (Org.). **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. Rio de Janeiro: Vozes, 2004.

MÜLLER, L. S. A interação professor – aluno no processo educativo. **Integração**, ano VIII, n. 31, nov. 2008, p. 56-70.

NASCIMENTO, R. P. Reflexões sobre o conceito de prática na formação docente. In _____ (Org.). **Formação de professores e estágio supervisionado: relatos, reflexões e percurso**. São Paulo: Andross, 2006, p. 61-73.

OLIVEIRA, M. M.(ORG.) **Formação e práticas pedagógicas múltiplos olhares no ensino das ciências**. Recife: Bagaço, 2007.

_____. **Como fazer: projetos, monografias, dissertações e teses**. Rio de Janeiro: Elsevier, 2005.

PEREIRA, H. M. R., BAPTISTA, G. C. S. **Uma reflexão acerca do estágio supervisionado na formação dos professores de ciências biológicas**. In: VII Encontro Nacional de Pesquisa em Educação em Ciência, Florianópolis, 2009. Disponível em: < <http://www.foco.fae.ufmg.br/pdfs/948.pdf>. Acesso em:> 15 jul.2011

PIMENTA, S.G. **O estágio supervisionado na formação de professores: unindo teoria e prática**. 3 ed. São Paulo: Cortez, 1997.

SANTIAGO, M. E. ; NETO, J. B. A. **A prática de ensino como eixo estruturado da formação docente**. Formação de professores e prática pedagógica. Recife: Fundação Joaquim Nabuco, 2006, p. 29-35.